

O papel do conhecimento de si na apologética de Pierre Charron

The role of self-knowledge in Pierre Charron's apologetics

Ricardo Vinícius Ibañez Mantovani¹

Resumo: No presente artigo pretendemos esmiuçar o papel do conhecimento de si no *Les Trois Vérités* de Pierre Charron. Por tratar-se de um autor ainda pouco conhecido em nosso país, iniciaremos nosso estudo com uma pequena biografia sua. Isto feito, procederemos a uma análise do status do autoconhecimento nos *Ensaíos* de Michel de Montaigne, mais para demarcar as diferenças do que para assinalar as continuidades existentes entre os dois autores. Na sequência, exporemos a concepção de conhecimento de si charroniana tal como trabalhada no *De la Sagesse*. Finalmente, dedicar-nos-emos à análise do terceiro capítulo do *Les Trois Vérités*, onde Charron investiga as causas que levam alguns indivíduos ao ateísmo para, deste modo, libertá-los das amarras que os impedem de abraçar a fé.

Palavras-chave: Charron. Montaigne. Conhecimento de si. Apologética.

Abstract: In this article we intend to detail the role of self-knowledge in Pierre Charron's *Les Trois Vérités*. Since the author is relatively unknown in our country, we will start our study with a short biography. Thereafter, we will proceed with an analysis regarding the status of self-knowledge in Michel de Montaigne's *Essays*, for purposes of highlighting the differences rather than the existing commonalities between the two authors. Subsequently, we will present the Charronian conception of self-knowledge as discussed in *De la Sagesse*. Finally, we will turn to the analysis of the third chapter of *Les Trois Vérités*, in which Charron investigates the causes leading some individuals to atheism aiming to set them free from the shackles preventing them from embracing the faith.

Keywords: Charron. Montaigne. self-knowledge. Apologetics. *Les Trois Vérités*.

¹ Pós-doutorando em Filosofia pelo LABÔ/PUC-SP, mestre e doutor em Filosofia pela FFLCH-USP. Coordenador e professor do curso de pós-graduação em Ética e Filosofia Política da Faculdade Paulo VI (Mogi das Cruzes – SP), coordenador do Núcleo de Apologética e Ateísmo do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ e membro do Núcleo de Estudos Agostinianos do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ. E-mail: zorgoborim@hotmail.com

1 Quem é Pierre Charron?

Por tratar-se, aqui, de um autor ainda bastante desconhecido em nosso país, iniciaremos o presente artigo colocando o leitor a par de algumas linhas gerais da vida e da obra de Pierre Charron. Nascido em Paris no ano de 1541, Pierre Charron foi o rebento promissor de uma família de livreiros. Estudou inicialmente na Universidade de Paris e, em 1571, tornar-se-ia doutor em direito canônico e civil pela Universidade de Orleans e de Bourges. Como registra seu correspondente e biógrafo Gabriel Michel de la Rochemaillet, por essa época “estando de retorno a Paris, (...) foi advogado na Corte do Parlamento, onde frequentou ordinariamente o *Barreau*, que confessou ser a mais bela e proveitosa Escola do Mundo, não perdendo nenhuma das audiências públicas”².

Apesar de sua habilidade com as palavras, Charron acabou se desgostando da profissão que escolhera por notar que a falta de conhecidos e protetores tornaria seu sucesso quase impossível. Abandona-se, assim, ao estudo da Patrística e dos Doutores da Igreja. Não demoraria muito para Charron tornar-se padre e - por conta de sua notável eloquência -, um pregador bastante disputado por inúmeros bispos e prelados. Em 1576 vai para Bordeaux, onde mora por mais de uma década e é convidado para se tornar Predicador ordinário da Rainha de Navarra. Lá também viria a conhecer Michel de Montaigne. Sobre esta relação, La Rochemaillet conta-nos que Charron

viveu muito familiarmente com Michel de Montaigne, cavaleiro da ordem do Rei, autor do livro intitulado *Ensaíos*, do qual fazia um maravilhoso caso; o senhor de Montaigne o amava com uma afeição recíproca, e tendo morrido, em seu testamento permitiu-lhe portar, após seu falecimento, as armas de sua nobre família, já que não havia deixado nenhum filho homem³.

O período mais intenso da vida de Charron se daria entre 1588 e 1603 (ano de sua morte). Envolve-se com a Liga, tem seu pedido para ingressar em uma ordem monástica recusado, prega em várias cidades francesas e escreve suas quatro obras: *Les Trois Vérités* (cuja primeira edição data de 1593), *De La Sagesse* (publicado em 1601 e em 1603), *Petit Traité de la Sagesse* (uma espécie de resumo apologético do *De la Sagesse*, publicado um ano após o lançamento deste) e *Discours Chrestiens* (publicado em sua integralidade apenas em 1604).

² ROCHEMAILLET, L. *Éloge Véritable de Pierre Charron*. In: CHARRON, P. *Oeuvres*. Tome I. Genève: Slatkine Reprints, 1970, p.i.

³ *Ibid.*, p.ii-iii.

A obra que traria fama a Pierre Charron seria o *De la Sagesse*. No referido livro, o autor condensa uma antropologia razoavelmente pessimista (de sotaque agostiniano) com toda cultura humanista que recebera na Faculdade de Paris e que sorvera nos *Ensaio*s montaignianos. Mistura curiosa, sem dúvidas, mas certamente interessante. Afinal, se, no primeiro livro do *De la Sagesse*, Charron - à moda do bispo de Hipona - põe-se a rebaixar o ser humano, dedicando páginas e páginas à descrição de nossa *Vanidade* (cap.3), *Fraqueza* (cap.4), *Inconstância* (cap.5), *Miséria* (cap.6) e *Presunção* (cap.7), no segundo e terceiro livros da obra Charron traça todo um programa para que o homem alcance a virtude – programa, este, que não contempla, em momento algum, a Religião.

O fato de o *De la Sagesse* poder ser lido como uma espécie de “manual” do ateu virtuoso não passou despercebido à época, o que tornaria o escrito de Pierre Charron uma leitura obrigatória de todos os *libertinos* do grande século da Razão. A bem da verdade, ainda há quem veja em Charron um impávido baluarte do laicismo. Se não, vejamos:

Procura-se em vão, no calhamaço de oitocentas e noventa e seis páginas que é o *De la Sagesse*, considerações sobre o pecado original, o erro, o inferno, a danação ou a cólera de Deus. Ou então a condenação da sexualidade, a desconsideração do corpo (...). Sem Deus travestido de bicho-papão, a moral volta a ser o que nunca deveria ter deixado de ser: uma proposição de regras de boa conduta visando uma intersubjetividade passiva e jubilosa. O trabalho do amigo de Montaigne contribui poderosamente para isso⁴.

Ora, é inegável que - como seu próprio autor confessa – o *De la Sagesse* não visa “instruir para o claustro e para a vida conciliar”, pretendendo, antes, instruir “para a vida civil” e formar “um homem para o mundo, ou seja, para a Sabedoria humana e não divina”⁵. Isto, entretanto, não nos autoriza a considerar Charron um precursor da irreligião que medraria nas gerações que o sucederam – e que tanto barulho faria nos séculos XVIII e XIX. Pierre Charron é, antes de tudo, um cristão e um apologeta da religião cristã: tanto do ponto de vista cronológico quanto do ponto de vista lógico. Além de seu *Les Trois Vérités* anteceder, em quase uma década, o *De la Sagesse*, Charron é claro ao declarar que a Sabedoria (humana) de que se trata nesta última obra não se encontra no mesmo patamar da Sabedoria Divina, “a mais sublime e mais excelente”⁶, que é “tratada em minha primeira verdade”⁷ – isto é, na primeira parte do *Les Trois Vérités*, à qual voltaremos mais adiante.

⁴ ONFRAY, M. *Contra-história da filosofia: libertinos barrocos*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.64.

⁵ CHARRON, P. *Pequeno Tratado da Sabedoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p.11.

⁶ *Ibid.*, p.8.

⁷ *Ibid.*, p.9.

Por mais que uma leitura rápida ou tendenciosa (como a de Michel Onfray) possa identificar em Pierre Charron algo como um pai espiritual dos *philosophes*, isto não passa de um mal-entendido ocasionado pela descontextualização de algumas de suas teses. Ora, outro mal-entendido que, não raro, vitima a obra charroniana nasce de uma aproximação apressada - e exagerada - do *De la Sagesse* aos *Ensaíos* de Montaigne. Como se verá na sequência, há diferenças cruciais entre os dois livros: tal como o estatuto conferido pelos autores ao *conhecimento de si*.

2 O conhecimento de si nos *Ensaíos*

Digamos logo de saída: o conhecimento de si é a mais alta meta e o fim último dos *Ensaíos*. A respeito disto, vejamos o que Montaigne tem a nos dizer nas linhas iniciais do ensaio intitulado *De Demócrito e Heráclito*:

O julgamento é uma ferramenta para todos os assuntos, e se imiscui em todo lugar. Por causa disto, nos ensaios que faço aqui, emprego nisso toda espécie de ocasião. Se é um assunto de que não entendo nada, por isso mesmo ensaio-o, sondando o vau bem de longe; e depois, achando-o fundo demais para meu tamanho, mantenho-me na margem; e este reconhecimento de não poder atravessar é um traço de seu efeito, e mesmo um dos quais mais se envaidece. Em um assunto vão e sem valor, ensaio ver se ele (meu julgamento) encontrará com que lhe dar corpo, e com que o apoiar e escorar. Por vezes, passeio-o por um assunto nobre e bastante repisado, no qual nada terá de si mesmo, estando o caminho tão trilhado e batido que ele só pode caminhar sobre as pegadas de outros. Então faz seu jogo escolhendo o caminho que lhe parece melhor e, entre mil veredas, diz que esta ou aquela foi melhor escolhida. Deixo a própria fortuna me fornecer os assuntos, já que me são igualmente bons. Mas nunca me proponho a apresentá-los inteiros e a fundo; de mil pontos de vista que cada um tem, tomo o que mais me agrada: e o agarro preferencialmente por um ângulo extraordinário e fantástico; escolheria outros mais ricos e mais plenos, se tivesse algum outro fim proposto além do que aquele que tenho. Toda ação é própria para nos fazer conhecer⁸.

Os *Ensaíos* definitivamente não se tornaram célebres pelos temas que neles são abordados. A diversidade dos costumes, as imposturas dos prestígios sociais, o poder alienante das paixões, as virtudes, os vícios: tudo isto já havia sido visitado e revisitado pelos Antigos e pelos contemporâneos de Michel de Montaigne. Isto, todavia, não faz do livro em questão uma obra “genérica”. É digno de nota que, enquanto outros grandes autores humanistas como Marsílio Ficino e Pico de la Mirandola visavam, sobretudo, elaborar sínteses entre o cristianismo e a filosofia

⁸ MONTAIGNE, M. *Les Essais*. I, 50. Bordeaux: Société des Bibliophiles de Guyenne, 1870 (edição de 1580), p.252-253.

grega, Montaigne se comprazia em brincar com as tensões da cultura de sua época, as quais não tentava resolver, mas sim avivar. Não é à toa que, apesar de alinhar-se ao ceticismo de modo aberto apenas no ensaio intitulado *Apologia de Raimond Sebond*, a obra montaigniana pode ser tida, em sua totalidade, como parte integrante da tradição pirrônica: ali a pesquisa vale mais do que a resposta, preterindo-se o achado em prol da busca⁹.

Pois bem. Outra peculiaridade notável da obra de Montaigne é precisamente aquilo que, há pouco, ressaltamos como sendo seu alvo precípuo: o conhecimento de si. Mas não nos enganemos. O autoconhecimento de que se trata nos *Ensaio*s não é o do homem em geral – ainda que, por vezes, assistamos Montaigne desnudando as vaidades humanas com uma profundidade que antecipa a dos grandes moralistas franceses¹⁰. Não. O objeto de investigação de Montaigne é tão somente ele próprio.

Como o trecho acima transcrito já apontava, Montaigne põe seu espírito em marcha apenas para, ao vê-lo trabalhar, melhor conhecê-lo. Deste modo, não consideramos descabida a análise de André Tournon, quando este afirma que ocorre nos *Ensaio*s uma espécie de “redução fenomenológica” - onde pouco ou nada importam os objetos, mas sim o sujeito que sobre eles se debruça¹¹. Com efeito, no ensaio *Dos livros*, Montaigne retoma o tema do autoconhecimento nos seguintes termos: “Quem estiver em busca de ciência, que procure onde ela se aloja. Não há nada que eu professe mais: aqui estão minhas fantasias, pelas quais não pretendo dar a conhecer as coisas, mas eu mesmo”.¹²

Pode-se dizer, pois, que os *Ensaio*s não são, em sua essência, senão isto: um autorretrato de Montaigne¹³. Enquanto os grandes pintores renascentistas se esforçavam para representar a si próprios em suas telas, o autor dos *Ensaio*s tentava (re)conhecer-se em suas reflexões. Desta maneira, não deve nos espantar que Montaigne, por vezes, se contradiga: quando o alvo é o autoconhecimento, a tomada de consciência de nossas contradições é tão boa quanto a tomada de consciência de nossas verdades claras e distintas. Assim, que não se procure nos *Ensaio*s qualquer proposta ou projeto de “reforma do homem interior”. Tal obra, em que pese sua abrangência e estonteante erudição, não passa da materialização da

⁹ Sobre isto, conferir: TOURNON, A. *Montaigne*. São Paulo: Discurso Editorial, 2004, p.109-129.

¹⁰ Conferir, por exemplo, os ensaios “De nossos ódios e afeições” (I,iii), “Dos mentirosos” (I, ix) e “Da vaidade” (III, ix).

¹¹ Cf. TOURNON, A. *Montaigne*. São Paulo: Discurso Editorial, 2004, p.114.

¹² MONTAIGNE, M. *Les Essais*. I, 50. Bordeaux: Société des Bibliophiles de Guyenne, 1870 (edição de 1580), p. 340.

¹³ Montaigne, inclusive, chega a dedicar todo um capítulo para a descrição de suas qualidades intelectuais, morais e físicas (!). Sobre isto, conferir o ensaio “Da presunção” (II,xvii).

busca do conhecimento de si empreendida por um indivíduo concreto: Michel de Montaigne.

3 O conhecimento de si no *De la Sagesse*

Já dissemos que o estatuto conferido ao conhecimento de si é um aspecto que alonginqua os Ensaíes montaignianos e o *De la Sagesse*. Dissemos também que o conhecimento de si é o fulcro da obra de Montaigne. Deste modo, estaríamos sugerindo que tal conhecimento não exerce uma posição central no livro de Charron? Na verdade, não. Vejamos:

O conselho mais divino e excelente, a melhor e mais útil admoestação de todas, mas também a mais mal praticada de todas, é a recomendação de se estudar e aprender a se conhecer: é o fundamento da sabedoria e o encaminhamento a todo bem. Não há maior loucura que ser atento e diligente no conhecimento de todas outras coisas e negligenciar (o conhecimento de) si mesmo: a verdadeira ciência e o estudo do homem é o homem. (...) O homem está tão obrigado a se estudar e se conhecer quanto lhe é natural pensar e estar próximo de si próprio. A natureza nos impõe esta obrigação. (...) Ir adiante e esquecer-se de si é algo desnaturado e injusto¹⁴.

Neste trecho da introdução ao livro primeiro do *De la Sagesse*, Charron deixa claro que o conhecimento de si é indissociável da sabedoria. Em suas palavras, o autoconhecimento é o fundamento mesmo da sabedoria - que, por sua vez, é o tema (e título) do livro que ora analisamos. Montaigne e Charron estão, pois, igualmente interessados no conhecimento de si. Perceba-se, no entanto, que ambos os autores não o compreendem da mesma maneira. Enquanto Michel de Montaigne visa conhecer a si próprio, Pierre Charron esforça-se para fazer uma “pintura geral do homem” – expressão que dá título ao segundo capítulo do *De la Sagesse*.

Charron certamente não ignora que todos temos nossas peculiaridades e idiossincrasias, fazendo questão de frisar que o conhecimento do homem pelo homem depende, principalmente, da auto-observação¹⁵. Contudo, enquanto

¹⁴ CHARRON, P. *De la Sagesse*. Paris: FB Editions, 1891, p.7-8.

¹⁵ “O conhecimento de si (coisa muito difícil e rara, assim como se desconhecer é muito fácil), não se adquire por meio dos outros, quer dizer, por comparação, medida ou exemplo de outros. (...) Menos ainda pelas palavras e julgamentos destes, que geralmente visam agradar, desleais e medrosos, nem por qualquer ato singular, que às vezes realizamos sem pensar, estimulados por alguma ocasião nova e rara, que será mais um golpe do acaso ou um efeito resultante de um entusiasmo extraordinário do que uma produção verdadeiramente nossa”. CHARRON, P. *De la Sagesse*. Paris: FB Editions, 1891, p.10. É digno de nota, aqui, que, se Charron não recomenda que tentemos nos conhecer a partir daqueles com os quais convivemos, isto se dá não porque sejamos todos intrinsecamente diferentes, mas por conta da incontornável falsidade da vida social, onde só se

Montaigne parece se perder nos pequenos detalhes de suas disposições e opiniões pessoais e passageiras, Charron vê em nossas particularidades variações pontuais de uma melodia universal - de uma natureza humana onipresente que, quando bem compreendida, se estabelece como via de acesso para o conhecimento de seu Criador.

Pelo conhecimento de si o homem chega mais facilmente e melhor ao conhecimento de Deus do que por qualquer outro meio, quer porque ele encontra em si mais o que conhecer, mais marcas e traços da divindade do que em todo o resto que poderia conhecer, quer porque ele pode melhor sentir e saber o que ocorre em si do que o que ocorre em qualquer outra coisa. Eis porque estava gravado em letras de ouro no templo de Apolo, Deus (segundo os pagãos) da ciência e da luz, a sentença “conhece-te a ti mesmo” - como se fosse uma saudação e uma advertência de Deus a todos, significando que para ter acesso à divindade e entrar em seu templo é necessário conhecer-se. Quem não se conhece será rejeitado¹⁶.

Impossível não nos lembrarmos, neste ponto, de santo Agostinho e de sua tese (desenvolvida com maestria no livro II do *De libero arbitrio* - ainda que não apenas lá) de que o homem deve procurar a divindade, sobretudo, em si mesmo. Aqui, todavia, não se trata de examinar as demonstrações da existência de Deus propostas por Charron ou mesmo pelo Doutor da Graça. Importa-nos, antes, fixar, de uma vez por todas, que, em Charron, o autoconhecimento não é uma meta em si - como ocorria em Montaigne. Nunca podemos perder de vista que, se “o trabalho de Montaigne é uma obra de arte autoconsciente, escrita para encantar e agradar o leitor”¹⁷, o *De la Sagesse* se coloca como um espelho perante aqueles que o apreciam – os quais, uma vez mais conhecidos de si próprios, talvez se tornem aptos (esta é a esperança do autor) para seguir os conselhos que ocupam o resto do livro.

Conclui-se, pois, que, em Pierre Charron o autoconhecimento, por mais importante que seja, sempre está a serviço de algo. No *De la Sagesse*, o conhecimento de si, contemplado no livro I, servirá de condição *sine qua non* para a consecução da Sabedoria humana, tratada em detalhes nos livros II e III da mesma obra. Por outro lado, no *Les Trois Vérités*, o autoconhecimento mostrar-se-á fundamental para a superação do ateísmo. Ora, a defesa desta última tese é exatamente o foco das linhas que se seguem.

mostra e se fala aquilo que permitem as mais baixas paixões.

¹⁶ CHARRON, P. *De la Sagesse*. Paris: FB Editions, 1891, p.8.

¹⁷ KOGEL, R. Pierre Charron. Genève: Librairie Droz, 1972, p.40.

4 O conhecimento de si como meio de superação do ateísmo no *Les Trois Vérités*

Primeira obra de Pierre Charron, o *Les Trois Vérités* foi inicialmente idealizado para servir de resposta ao *Traité de l'Église* (1578), do huguenote Philippe Duplessis-Mornay. O livro de Charron, portanto, nasce como parte integrante de uma polêmica interna à cristandade. Não obstante, sensivelmente incomodado com o ateísmo e o “pluralismo” emergentes em sua época, o autor resolve aumentar o escopo de sua obra, juntando a ela outras duas partes ou “verdades”:

Considerando isto e levando em conta minha pequena capacidade, para responder a tal mal, me encarreguei de tentar provar, uma após a outra, três proposições, como três grandes verdades, e três graus de construção e estabelecimento da religião verdadeira e certa, contra todos seus inimigos. A primeira, que deve haver - e há - uma religião admissível por todos e por cada um dos homens. A segunda, que de tantas religiões que há no mundo, que existiram e que podem existir, a Cristã é a única verdadeira, e isto contra todas as religiões bastardas de infiéis, descrentes, Idólatras, Judeus, Maometanos. Estas duas primeiras proposições serão tratadas por meios humanos, e que estão ao alcance de todos, pois outros meios particulares não seriam apropriados entre seus adversários. A terceira, que de todas as crenças e religiões que estão na Cristandade, a Católica Romana é a melhor, o que vai contra todos os Heréticos e Cismáticos¹⁸.

Isto posto, digamos duas palavras a respeito da primeira parte do *Les Trois Vérités*. De modo geral, pode-se dizer que as duas metas centrais da parte inicial do livro são: i) a demonstração de que há mais motivos para se acreditar na existência de Deus do que para negá-la; e ii) a demonstração da existência da Providência divina. É evidente que, ao longo de suas páginas, alguns outros tópicos são trazidos à baila – os quais, apesar de “acessórios”, são tratados com notável profundidade, como, por exemplo, a defesa da teologia negativa e do ceticismo¹⁹ (levada a cabo no capítulo 5, intitulado *Discurso sobre o conhecimento de Deus*²⁰).

¹⁸ CHARRON, P. *Les Trois Vérités*. Genève: Slatkine Reprints, 1970, p.2. Atualmente, procedemos à tradução integral da primeira parte (ou “verdade”) da citada obra junto ao programa de pós-doutorado do LABÔ-PUC/SP.

¹⁹ A relação de Pierre Charron com o ceticismo não é fácil de compreender e requer, por si só, um estudo a parte. Adiantamos, no entanto, que, se, por um lado, Charron não se considera um cético (ou pirrônico), ele, por outro lado, endossa os argumentos dessa corrente de pensamento. Ao que parece, a grande discordância de Charron com os “pirrônianos perfeitos” (para retomar, aqui, uma expressão de Pascal) gira em torno da suspensão do juízo. Enquanto estes, na ausência de certezas absolutas, recomendam a *epoché*, Charron sustenta que há assuntos demasiadamente importantes para “deixarmos de lado” somente porque não são passíveis de um conhecimento perfeito.

²⁰ Cf. CHARRON, P. *Les Trois Vérités*. Genève: Slatkine Reprints, 1970, p.11-21.

Debruçar-nos-emos, doravante, sobre o capítulo 3 da parte I do *Les Trois Vérités*, intitulado *Ateus e Irreligiosos: três espécies e suas cinco causas*²¹. Primeiramente, atentemo-nos para o fato de que, no século XVI, o termo “ateu” era bastante polissêmico. Se não, vejamos:

Aqui escreve-se contra todos Ateístas e irreligiosos, dos quais parece haver três tipos. Os primeiros negam categoricamente a Deidade, e por meio de discursos querem estabelecer que não há nenhum Deus; são propriamente ditos Ateus, gente sem Deus. (...) A segunda espécie de ateus, não sendo resolutos na negação da Divindade como os primeiros, também não a afirmam. À moda dos Acadêmicos e Pirronianos, que fazem profissão de perpetuamente duvidar de todas as coisas, não se atêm a nenhum partido, porque, dizem eles, a verdade não se pode encontrar, não sendo o homem capaz dela, havendo razões e aparências em todos os lados. (...) A terceira espécie não consiste em um Ateísmo total, mas em Irreligião, na qual parece se reconhecer alguma Deidade primeira e causa soberana: mas onde se a crê inútil, sem providência ou cuidado conosco ou com este mundo²².

Revelador, o texto constitui um documento histórico nada desprezível. À época de Pierre Charron, tanto os *ateus* propriamente ditos (primeira “espécie” de ateu) quanto os que viriam a ser classificados como *agnósticos* e *deístas* (respectivamente, segunda e terceira “espécies” de ateu) eram considerados, sem mais, como “ateus” – isto é, pessoas sem Deus. O que mais nos interessa, entretanto, é a breve catalogação das causas que levam ao ateísmo proposta por Charron. Nossa tese é a de que o filósofo se dá ao trabalho de esmiuçar os motivos que levam certos homens ao ateísmo justamente para, ao confrontá-los com os motores de suas escolhas, libertá-los das travas que os separam de Deus. Aqui, como mais tarde em Blaise Pascal (autor sobejamente influenciado pela leitura do *Les Trois Vérités*), o conhecimento de si está a serviço do arrependimento e da conversão.

Como primeira causa do ateísmo o filósofo lista as deficiências cognitivas e a “presunção da ciência humana”. Por um lado, Charron sustenta que alguém severamente prejudicado em sua capacidade de conhecer não pode crer em Deus, já que a crença sempre pressupõe certo nível de compreensão daquilo em que se acredita. Trata-se, claro está, de um ateísmo involuntário.

Pour outro lado, todavia, há aqueles que dão as costas voluntariamente à divindade por se crerem sábios demais para aceitar os dogmas da Religião. Estes indivíduos fazem profissão de “negar e rebater com uma imprudência temerária tudo

²¹ CHARRON, P. *Les Trois Vérités*. Genève: Slatkine Reprints, 1970, p.5-8.

²² CHARRON, P. *Les Trois Vérités*. Genève: Slatkine Reprints, 1970, p.5-7.

o que não se lhes põe nas mãos por demonstração evidente. (...) Pensam que são e que se mostram muito hábeis por crerem e aceitarem tão pouco quanto conseguem”²³. Ora, como Charron aponta no capítulo 5 do *Les Trois Vérités* (e como Montaigne já havia assinalado na *Apologia de Raimond Sebond*), o humano não é capaz de qualquer verdade inelutável, de modo que pedir à fé provas apodíticas de seu conteúdo é demandar o impossível. Baixemos, pois, nossas expectativas para, desta maneira, quem sabe, salvamos nossas almas²⁴.

A segunda causa do ateísmo, diz Charron, é a depravação da alma. O homem desviado e pervertido, sabendo que muitas são suas faltas, esforça-se para não crer na existência de um Juiz. “(Há) também a alma malnascida, ou desnaturada, cristalizada em maldade e crueldade, que procura impunidade, pois ela não quer estar sujeita nem prestar contas: sobretudo a um poder tão alto e absoluto. E, assim, ela nega sua existência, pois é fácil crer naquilo que queremos”²⁵. Frisemos, de passagem, a tese de matriz cética que, neste ponto, é endossada por Charron: nossos juízos são servos de nossas paixões, de modo que estas não precisam se esforçar muito para turvar nossas opiniões.

A terceira causa do ateísmo, de acordo com nosso filósofo, consiste na perplexidade frente ao mal existente no mundo – perplexidade, aliás, que desde há muito preocupa os escritores de *teodiceias*. Alguns homens, acreditando que as dores e sofrimentos da vida são incompatíveis com a existência de um Ser onipotente, onisciente e todo-bondoso, simplesmente preferem crer que tudo é fruto do cego acaso. “Há também a alma que não consegue entender a administração e os negócios de Deus, e que encontra, a seu ver, muitas absurdidades no desenrolar e no governo deste mundo, muitas dificuldades que não pode resolver, chegando à conclusão de que não há nem Deus nem um mestre governador: mas que tudo se dá como pode se dar”²⁶.

A quarta causa do ateísmo, por sua vez, seria aquilo que, com alguma liberdade, pode ser chamado de “oração não correspondida”. O problema, segundo Charron, é que nem sempre Deus responde a nossas orações de modo que

²³ Ibid., p.8.

²⁴ “Tais almas ou são totalmente bestiais e brutais, pois as bestas não conhecem Deus, ou são afligidas pela presunção da ciência humana, embriagadas com opiniões absurdas, adquiridas geralmente por meio de sutilidades e obstinações sofisticadas e heréticas – estas últimas, verdadeiros caminhos para o ateísmo. Porque todas essas pessoas têm esse mal gênio de negar e rebater com uma imprudência temerária tudo o que não se lhes põe nas mãos por demonstração evidente, chocando-se contra tudo sem jamais reconhecer boa-fé nem se render à razão: pensam que são e que se mostram muito hábeis por crerem e aceitarem tão pouco quanto conseguem” CHARRON, P. *Les Trois Vérités*. Genève: Slatkine Reprints, 1970, p.7-8.

²⁵ CHARRON, P. *Les Trois Vérités*. Genève: Slatkine Reprints, 1970, p.8.

²⁶ Ibid., p.8.

podemos perceber que fomos ouvidos. Os caminhos do Senhor são tortuosos, o que pode ser ocasião de queda para muitos. “Há também aquelas almas que, por terem batido à porta e solicitado Deus por votos e orações e que, por não terem percebido os frutos e os efeitos do que fizeram, se impacientam e se irritam, dizendo que não há ninguém escutando”²⁷.

Finalmente, Charron refere-se à quinta causa do ateísmo nos seguintes termos: “Há ainda outras almas, que, por verem as coisas naturais se desenrolarem de maneira constante sempre e há tanto tempo (donde deveriam formular uma conjectura e tirar um argumento a favor existência de um sapientíssimo autor), julgam não terem estas outro mestre e superintendente senão si próprias”²⁸. Quer parecer-nos que estamos, aqui, nos antípodas da terceira causa do ateísmo supra listada. Se, como vimos, há homens que se negam a crer em Deus por conta das imperfeições do mundo, Charron nos revela agora que há indivíduos que negam a divindade precisamente por ficarem extasiados com constância da natureza que, a seu ver, de tão perfeita, prescindiria de um Criador. De fato, é bastante estreita a via que leva até Deus, não sendo poucos os indivíduos que se extraviam em uma de suas margens - que, embora opostas, desbocam na mesma perdição.

Eis exposta, de maneira sucinta, a catalogação charroniana das causas que levam ao ateísmo. Sustentamos que, por meio dela, Pierre Charron visa levar seu leitor – particularmente seus leitores ateus – a um maior conhecimento de si e, quiçá, à conversão. Como pretendemos ter apontado, o processo de autoconhecimento posto em marcha no *Les Trois Vérités* não é uma atividade ociosa (como talvez se possa afirmar do que ocorre nos *Ensaíos* de Montaigne), nem tampouco uma tarefa propedêutica para o recebimento posterior de uma sabedoria humana (a exemplo do que se passa no *De la Sagesse*). Ao invés disso, em sua obra apologética, Charron parece apostar que, uma vez revelados – e desmistificados – os motivos que, porventura, tenham afastado seu leitor da verdadeira fé, este aceite abraçá-la de bom grado. O conhecimento de si – ou melhor, a compreensão das próprias faltas – é um fator imprescindível para a aceitação e recebimento da Verdade.

²⁷ Ibid., p.8.

²⁸ Ibid., p.8.

Referências

- ADAM, M. *Études sur Pierre Charron*. Bordeaux: Presses Universitaires, 1991.
- CHARRON, P. *Oeuvres*. Tome I. Genève: Slatkine Reprints, 1970.
- _____. *Les Trois Vérités*. Genève: Slatkine Reprints, 1970.
- _____. *De la Sagesse*. Paris: FB Editions, 1891.
- _____. *Pequeno Tratado da Sabedoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- KOGEL, R. *Pierre Charron*. Genève: Librairie Droz, 1972.
- LOQUE, F. *Ceticismo e religião no início da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2012.
- MONTAIGNE, M. *Les Essais*. Bordeaux: Société des Bibliophiles de Guyenne, 1870.
- _____. *Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras/Penguin, 2010.
- ONFRAY, M. *Contra-história da filosofia: libertinos barrocos*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- PASCAL, B. *Pensamentos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- TOURNON, A. *Montaigne*. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.